

Daniel Botelho Horn

ECOLOGIA, CULTURA E ARTE

Orientador: Romualdo Dias

Co-orientador: Rodrigo Campos Moura

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro,
para obtenção do grau de Ecólogo

Rio Claro

2017

574.5 Horn, Daniel Botelho
H813e Ecologia, cultura e arte / Daniel Botelho Horn. - Rio
 Claro, 2017
 81 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Ecologia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: Romualdo Dias

Coorientador: Rodrigo Campos Moura

1. Ecologia. 2. Cultura. 3. Arte. 4. Poesia. 5. Música. 6.
Natureza. I. Título.

Antes de ler,

Peço-lhe que reflita e saiba dos perigos que corre,

se continuar pode ficar louco, como fiquei...

Se continuou até aqui é porque tens um espírito aventureiro!

Eu lhe desejo uma ótima leitura!

Apenas se permita,

Amar e Viver...¹

¹ Nós compreendemos as relações entre o brincar e o amar nos textos do biólogo chileno Humberto Maturana. Conferir: MATURANA, Humberto e VERDE-ZOLLER, Gerda. **Amar e brincar – Os fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTE TRABALHO

Se o leitor pretende ler um Trabalho de Conclusão de Curso padrão, com todas aquelas formalidades de escrita, consideradas como rigor científico a partir de uma dada perspectiva costumeira, pretendendo apresentar um estilo apurado e um palavreado acadêmico de mais alto calão; lhe informo que escolheu o trabalho errado, pelos simples motivos:

- Primeiro porque ele não conclui absolutamente nada.

- Segundo: qualquer ideia de conclusão é auto-não-conclusiva, afinal, uma conclusão é em suma, um apanhado de palavras, pensamentos, ideias e projeções mentais, desta forma, cada pessoa tem sua própria conclusão do mundo. Se a ciência e a ficção se articulam, esta nossa afirmação faz sentido.²

Os comentários e textos apresentados neste trabalho não passam de meras conclusões, então querido leitor, seria muito inteligente se as desconsiderasse como verdades. Mérito de sua parte é tirar suas próprias conclusões, sabendo que por sugestão, as mesmas também deveriam ser desconsideradas. Digno seria fazer arte com qualquer tipo de conclusão, como uma poesia, uma música, um desenho ou outra coisa que mexa com os sentimentos das pessoas; ao final você poderia entregar de presente a um casal de namorados apaixonados, a uma viúva bem velinha que vive a bordar artesanatos, ou mesmo, fazer uma demonstração surpresa para um grupo de crianças. Imagino que seriam mais úteis para a humanidade desta forma.

- E por último, antes mesmo de qualquer resultado ou conclusão existe a experimentação, o processo de saborear.

Este último ponto foi crucial na decisão da escrita e das indagações aqui propostas, onde a experimentação se torna mais importante que a conclusão em si. Procurei dar mais atenção ao sabor e à textura das palavras do que às suas afirmações e sentidos comuns, acredito que assim possa atingir camadas mais profundas de ti leitor, e estabelecermos um contato mais íntimo e sincero. Seria diferente, por exemplo, se o trabalho fosse "Modificações morfológicas nas asas de Beija-Flores no Pleistoceno".

² Esta relação entre a ciência e a ficção está fundamentada na crítica filosófica estabelecida por Hans Vaihinger, "A filosofia do como se". O sentido do "como se" nos leva a afirmar a validade da ciência em uma tensão permanente com um despojamento do lugar do absoluto. Conferir: VAIHINGER, Hans. **A filosofia do como se**. Chapecó: Argos, 2011.

Uma legião inteira de imortais acadêmicos podem julgar que isto não é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ou que nada tem a ver com Ecologia, ou ainda menos com Arte ou Cultura, contudo, jamais poderão afirmar que poesia e auto-reflexão não é ciência, pois caso a fizessem, estariam criticando todas as suas próprias pesquisas, áreas de interesse e contrariando os princípios do porquê fazer ciência. Eu me sinto contemplado com as seguintes frases de um grande cientista, artista e ser humano:

"Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito."

"A imaginação é mais importante que o conhecimento. Conhecimento auxilia por fora, mas só o amor socorre por dentro. Conhecimento vem, mas a sabedoria tarda."

(Albert Einstein)

O que provamos às pessoas com um TCC? Que sabemos escrever como um grupo de pessoas quer que escrevamos? Se for por este motivo, prefiro não me formar na universidade ao ter que matar a poesia dentro de mim. Sendo assim, procurei escrever da forma mais clara possível, para que qualquer pessoa pudesse entendê-lo e não somente um especialista de uma determinada área, principalmente porque este trabalho trata de problemáticas e sugestões a todas as áreas da humanidade.

Logo, o texto se torna útil quando lido com prazer, imaginação e desenvoltura, como aquele que experimenta e se delicia com a doçura das frutas e a sabedoria das plantas, observa a magia nas palavras e nas coisas bonitas. Lá no campinho, ao lado do prédio do IB (Instituto de Biociências) no Campus da Unesp em Rio Claro, existe um pé de Jambo, entre a Jaqueira e a Ameixa. O Jambo é uma árvore linda, que dá um fruto redondinho e amarelo, muito cheiroso e gostoso. Sente-se aos seus pés, deleite-se com sua sombra, feche os olhos, respire fundo e se permita ser inundado de paz...Aí sua leitura terá a profundidade merecida!

RESUMO

"Tudo é Impermanente"

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1.OBJETIVO.....	9
1.2 JUSTIFICATIVA.....	10
2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	11
3 RESULTADO.....	12
3.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	12
3.1.1 Uma breve crônica da educação.....	12
3.1.2 Crise.....	15
3.1.3 A Evolução da Crise.....	16
3.1.4 Interpretações da Realidade.....	20
3.1.5 Uma nova Com-Ciência: Ecologia, Arte e Espiritualidade.....	25
3.1.6 Arte da Natureza,Natureza da Arte.....	27
4 CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE A – OUTROS PERCURSOS DE SENTIDOS.....	32

1 INTRODUÇÃO

[O Ovo e a Galinha]

O pai se achava muito inteligente e queria fazer uma pergunta para o menino que ele jamais conseguiria responder:

- Filho, o que veio primeiro: o ovo ou a galinha?

O menino silenciou até o pai perder a paciência e sair para trabalhar.

No dia seguinte, o pai chegou novamente para o menino e perguntou:

- Filho, o que veio primeiro: o ovo ou a galinha?

Mais uma vez, o menino silenciou até o pai perder a paciência e ir embora.

Isto aconteceu repetidas vezes até que o menino, também cansado da mesma pergunta, respondeu:

- Não sei, mas acho que foi a galinha.

O pai ficou surpreso e se achando muito esperto indagou:

- Mas se a galinha nasceu de um ovo como pode ter surgido primeiro?

- Pai, também vou te fazer uma pergunta: você já viu uma galinha?

- Já vi na televisão e no zoológico.

- Você já viu um ovo?

- Claro que já!

- E você já cozinhou um ovo, fez um omelete ou uma galinha no forno?

- Não meu filho, papai trabalha muito na cidade e não tem tempo pra essas coisas.

- Então porque você me pergunta se o ovo ou a galinha que vieram primeiro, se isto não lhe serve pra nada de útil, e nem sabe o que fazer com nenhum dos dois?

Como o ser humano relaciona-se com os campos da Ecologia, da Cultura e da Arte? Evidentemente, no mesmo âmbito em que se relaciona consigo, não dando muita atenção para o que é importante. Distante de si, distante das realidades ecológicas e artísticas, se torna apenas um reflexo a distância de tudo aquilo que critica e julga, em relação aos hábitos e ao fazer diário. Resumindo, estamos sempre muito preocupados com as problemáticas do mundo, e sequer nos desligamos do piloto automático para perceber a importância que as "pequenas / grandes" transformações em nossos hábitos podem repercutir no mesmo mundo que criticamos.

Embora seja vegetariano há muitos anos, e não me apeteça o ato de comer um ou outro, a metáfora do ovo e da galinha não se trata do ovo e da galinha em si, mas sim, o que fazemos com aquilo que sabemos? Ainda, esta mesma metáfora se aplica ao "detentor de conhecimento" e "aquele que nada sabe". Trata-se de apresentar apenas um exemplo prático de como os centros do saber, a escola e as universidades, se encontram perdidas neste tocante da prática fora da realidade. Passamos alguns anos no curso de Ecologia aprendendo inúmeras questões estruturais, morfológicas, fisiológicas e antropológicas, sem entender onde e como aplicamos estas coisas em nossas vidas. Há um abismo muito grande e nítido entre o que se aprende e o motivo de estar aprendendo. Esta é a mesma lógica empregada no universo do marketing e do consumo, onde o importante é gastar, gastar, gastar, consumir e consumir cada vez mais. Igualmente, os princípios da ciência, e de sua curiosidade sem limites, foram vendidos e modificados por este viés mercadológico, no qual, o objetivo da formação universitária é consumir conhecimento, o maior número possível de conhecimento, ignorando os problemas que podem surgir com esta prática. O universo da arte vai de encontro à lógica mercadológica, já que nada na arte está certo ou errado, simplesmente está, está lá para ser puramente observado e abrir um canal de comunicação comum à todas as pessoas.

1.1 OBJETIVO

Trazer mais amor à pessoa que ler este Trabalho / Texto.

1.2 JUSTIFICATIVA

[O Homem Justificador]

O réu é julgado pelo crime de difamação e de não justificação da escrita, escreve mas não justifica! Se declara culpado, pois confirmou que eram suas as palavras representadas, aqui leio a vocês em claro e bom tom a blasfêmia:

"Injusto é o Homem Justificador!

Faz juz à comprovação, e menção à prerrogativa.

A voz ativa da ação falida, que prova a opinião,

É a mesma voz que manda, e fundamenta a escravidão.

Salve o Justiceiro! Ode ao prisioneiro!"

Haja justiça então, para repreender aquele homem obstrutor da lei

Não é justo pois não justifica!

Declaro culpado!

Salvo o motivo de justificar e o motivo de estar preso,

Haverá de justificar até a morte,

O motivo de sua vida...

O motivo de comer...

O motivo de escrever...

O motivo de fazer música...

O motivo de sorrir...

O motivo de chorar...

O motivo de beijar...

O motivo de fazer cocô...

O motivo de cagar...

E todos os outros atos que aqui se aplicam conforme a lei...

Caso não justificar...

Nada será, nada terá...

Pois é ~~dever~~ direito de todo homem justificar.

Aplicam-se as penalidades da justiça, comum à todos os cidadãos.

Justo é o homem justificador!

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Algumas flautas...

Um saxofone...

Meditações...

Aprendizados com plantas...

Flores admiráveis...

Tardes de prosas com passarinhos...

Papel, lápis e poesias...

Amor...

3 RESULTADO

A educação formal me fez enxergar tudo aquilo que não sabia.

A arte e a natureza me fizeram enxergar tudo aquilo que passei a saber e agora não sei mais.

3.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1.1 Uma breve crônica da educação

Desde o princípio foi assim:

"Seja bem-vindo a escola, agora você vai aprender a ler e escrever!"

O resultado: passei um ano dentro de uma sala para aprender que aqueles símbolos tinham sons e formas de pronúncia específicas, e o conhecimento que ali estava adquirindo serviria para construir toda a forma de pensar e de me comunicar com o mundo.

Quando me acostumei com aquele ambiente, logo disseram:

"Agora vai ser muito mais legal, você vai ver, o ensino fundamental é muito divertido!"

E lá fui aprender matemática, geografia, gramática e ciências...Em resumo, o objetivo era condicionar todos os alunos a pensarem nas mesmas coisas, mantendo-os muito ocupados sempre.

Quando estava por achar que ficaria naquele calabouço o resto da vida, eis que surge uma luz:

"Parabéns! Agora você vai para o ensino médio, vai ter a oportunidade de estudar bastante e resolver o que quer fazer para o resto da sua vida!"

Aí pensei: o que quero fazer para o resto da minha vida?

Vale ressaltar que a partir deste ponto não havia mais tempo para ler realmente coisas boas, como poesias, fábulas, aventuras e romances; todo o tempo e esforço deveria ser gasto para decorar o maior número possível de informações e ser aprovado no vestibular. O ensino médio passou e eis que fiquei cara a cara com o tal temível vestibular. Era agora ou nunca, deveria escolher, e optei por ter a

oportunidade de estudar aquilo que mais amo: natureza. Quando veio o resultado APROVADO, todos fizeram a maior festa, gente da família que não conhecia e sequer tinha ouvido falar ligaram neste dia para parabenizar este jovem aspirante pela vitória que acabara de conquistar.

Resumindo: após ser deslocado para um troço quadrado, monocromático e cheio de grades chamado escola, ser transferido para o ensino fundamental, depois de passar para o ensino médio e posteriormente aprovado no vestibular, surge a universidade! E me convenceram novamente:

"A universidade será a melhor experiência da sua vida, serão seus melhores anos, você vai aprender muito lá, diferente de tudo que já passou!"

Repetiram tanto, mas tanto esta bendita frase que acreditei e resolvi então experimentar um pouco do que ela poderia me ensinar. Logo percebi que mais uma vez fui enganado. Entrei na universidade para estudar aquilo que mais amava no mundo e até isso ela conseguiu tirar o brilho: "Decore os nomes de agrotóxicos a seguir e anote quantos insetos morrem quando submetidos ao mesmo", "Observe como o animal reage quando você o submete à determinados hormônios", "Quantifique estes pássaros e reduza sua magia de cores aos números"....Passei sete anos na universidade para descobrir que ecologia era isso: "Uma ciência exata de quantificar coisas". Realizar experimentos dolorosos com animais e fazer demonstrações absurdas para um grupo de seres humanos – como um circo de horrores ou um coliseu científico do século XXI, para o divertimento de futuros imortais acadêmicos - era apenas uma das coisas em que não via sentido e correlação com a ecologia. Não conseguia amar coisas em que não acreditava, e até aí a ciência ecológica havia me mostrado que nada poderia, e deveria...amar no mundo.

O cúmulo da incoerência se mostrou quando fiz a seguinte indagação a respeito do sentido etimológico da palavra ecologia, o que fez surgir meu maior questionamento nestes anos de curso e que nenhum professor tinha a coragem de falar sobre. Se oikos = casa, logia = estudo, logo ecologia significa "estudo da casa". Perguntava se estávamos cuidando bem de nossa casa e todos respondiam com um afirmativo "CLARO QUE NÃO, OLHE A TERRA COMO ESTÁ!" Todos até aí pareciam estar muito conscientes de que as coisas não iam muito bem. Em seguida perguntava porque então estávamos sempre muito ocupados em julgar, criticar e

falar dos problemas dos seres humanos e da natureza, e no mesmo compasso, nem sequer nos preocupávamos em estudar nossa própria casa, ou seja, nós mesmos. Porque estudamos com profundidade cada aspecto e detalhe do meio ambiente e sequer nos conhecíamos minimamente? Todos permaneciam em silêncio ou diziam que esta pergunta não era pertinente para a aula e nem para o estudo da ecologia, que estava no curso errado e deveria ir fazer filosofia, artes ou qualquer outra coisa do gênero.

Estava cansado daquela estrutura acadêmica e queria descobrir se as pessoas viviam a ecologia em suas vidas (já que todas sabiam dos problemas que a Terra estava passando). Durante um dia de seminários numa disciplina sobre o tema poluição, os alunos, um após o outro, apresentavam um artigo científico qualquer sobre o tema e faziam altos debates sobre os resultados do mesmo. Quando chegou na minha vez li o seguinte texto:

"Se a Terra está assim com todos estes problemas por fora é porque antes mesmo nós estamos com todos estes problemas internamente. Porque estamos aqui discutindo a poluição dos rios ao invés de cavarmos banheiros secos na universidade e nas nossas casas? Porque temos de decorar estruturas morfológicas complexas de vegetais, e não aprendemos o nome e as propriedades das plantas que estão à nossa volta e podem nos ajudar na vida diária? Para que serve o conhecimento que aprendemos dentro da universidade se desconhecemos o motivo de estarmos aprendendo estas coisas, e não sabemos sequer utilizá-las para o benefício de todos os seres? Se a ecologia significa o estudo da casa, porque não temos aula algum em nosso curso que abra um espaço para nos conhecermos mais a fundo? Antes de provocarmos mais críticas, debates e questionamentos, sugiro sairmos deste ambiente reduzido da sala de aula, fazermos uma roda lá fora na grama, fecharmos os olhos e prestarmos atenção na nossa respiração por pelo menos alguns minutos. Podemos resolver muitos destes problemas apontados por todos com esta simples mudança de hábito diário. Alguém se aventura?"

Quase todos ficaram em silêncio, sai da sala para meditar acompanhado por mais duas pessoas e recebi um zero. Percebi que aqueles profissionais e a maior parte dos alunos sequer entendiam o que era a natureza, pois nunca haviam passado um tempo consigo, não se compreendiam. A educação, assim como a ciência, a política, a economia, o meio ambiente; estavam todos em crise, isto

porque as pessoas estavam em crise, e sequer haviam dedicado um tempinho para fazer uma auto-reflexão sobre si mesmas.

3.1.2 Crise

O mundo parece estar mergulhado em crise absoluta: a crise financeira, a crise da corrupção política, a crise ambiental da falta de recursos, a crise da violência... Observemos a fundo o que significa esta crise e qual o seu contexto sobre a atual crise profunda que vivemos como humanidade.

Embora as pessoas fiquem apavoradas ao ouvir este nome, fica claro que estas crises são apenas fantasmas da realidade. A maior parte da população humana jamais perceberá que o "mundo" está "dentro" ou "fora" de uma crise, afinal, a sobrevivência diária já é uma crise em si, tudo é crise, não existe outra realidade que não seja a da crise. Já para um indivíduo que possui inúmeras fortunas, não poder viajar para um hotel seis estrelas quatro vezes por semana, mas sim só três vezes, já é um sinal forte de crise. Embora as realidades financeiras sejam diferentes, fica claro que ambos passam pela mesma crise existencial profunda: a crise do ser-ciência, de não pertencimento do mundo, a crise auto-retroativa da acumulação, em que possuir bens e ser detentor de conhecimento é o objetivo final máximo de qualquer ser humano bem sucedido; em outras palavras: o ter, subjugar, e falar alto, tem mais valor que, se conhecer, compartilhar e saber ouvir.

Desta forma, sem cessar o pensamento e as angústias, a mente pode gerar inúmeras realidades, quantas quisermos, qualquer coisa pode ser qualquer coisa, nada de fato existe como é, tudo o que conhecemos por mundo nada passa de interpretações de realidades, interpretações estas criadas por nossos condicionamentos mentais, criação familiar, escolar e experiências de vida. Isto será comentado mais adiante no tópico "Interpretações da Realidade".

Ao olharmos para uma árvore por exemplo, podemos enxergá-la como irmã e amiga, nossa sábia companheira de troca e confidências; ou podemos ver na mesma árvore apenas um amontoado de matéria-prima chamada madeira, usada para fabricar um móvel nobre. Da mesma forma, um agregado de notas é somente um agregado de notas, sem sentimento, expressão ou comunicação, que por sua vez, estas são o propósito genuíno de se criar arte: a arte do aflorar, arte do ouvir,

arte do tocar e encantar outros seres. Assim também são os métodos científicos cartesianos e tradicionais utilizados na academia, que se resumem à um agregado de conhecimentos técnicos e precisos, de cunho teórico extremamente sofisticado; contudo, compartilham da mesma ignorância que um agregado complexo de notas: a ausência do sentimento, ausência do ouvir e ausência do encantar.

Absoluto por suas grandes teorias tidas como verdades, quando que pessoas poderão sentir-se cativadas por procedimentos e conhecimentos tão imparciais? Se a imparcialidade é definida como questão primordial nas análises científicas, não seria o ato de imparcializar tudo no mundo algo tanto quanto parcial? Esta imparcialidade forçada é capaz de tirar a alegria de qualquer criança, reprimir o sorriso de jovens e até mesmo queimar por completo a simples beleza do mais frondoso e florido pé de ipê-amarelo. Que ser é capaz de fazer estas atrocidades com a mente e com o sentido de existir? É o mesmo capaz de reduzir toda a magia e aprendizado da mãe natureza num monte de números, testes estatísticos e modelos cheios de erros. Este ser é o mesmo que utiliza do raciocínio técnico para impor sua cultura de denominação sobre outras culturas, o mesmo que escraviza a liberdade de uma criança e aprisiona sua vontade de criar, que impõe sectarismos raciais e machistas contra a livre expressão de coletivos e comunidades, e que oprime e zomba do poder de cura e de amor que brota do sagrado feminino. Este ser é quem reduz a arte infinita da música à um conjunto finito de agregados de notas sem sentimento, o mesmo que reduz toda a sabedoria da Terra e a consciência cosmo-ecológica num apanhado medíocre de conhecimentos eco-científicos. Este é o ser-máquina, o ser-robô, o ser sem ser, sem essência e imparcial, o ser-ciência sem consciência, recheado de inquietações mentais porém vazio de si mesmo.

3.1.3 A Evolução da Crise

A humanidade começou a sentir os problemas de sua evolução quando esqueceu-se da grande arte da natureza e da natureza grandiosa do estado da arte. Através desta lógica de crise, o ato de viver não se satisfaz na simplicidade da magia de viver, pois seres humanos que desrespeitam a identidade cultural de

outros e que escravizam crianças num sistema educacional de aprisionamento, há muito se iludiram e esqueceram toda e qualquer simplicidade e magia de viver. Problemas de lesão, depressão, estresse, esquizofrenia, psicopatias, câncer daquilo, câncer do outro, e tantos outros sintomas mais comuns como falta de deitar em rede, excesso de mastigação inconsciente nas refeições, falta de carinho e zelo com próximos e auto-sofrimento-retro-alimentício-repetitivo são simples exemplos de algumas das patologias recorrentes do *Homo sapiens sapiens*. Até que ponto podemos considerar nossa grande evolução técnico-científica como de fato uma grande evolução? Em que lógica seres repletos de doenças e sofrimento podem ser felizes?

O máximo da evolução de nossa espécie é um bicho esquisito que vive em pequenas salas individuais dentro de escritórios, ou um bicho estranho sentado em carteiras acreditando cegamente em toda a besteira que escrevem numa lousa. É difícil de acreditar que todos os avanços médicos, espaciais, tecnológicos e sociais que tivemos, também impulsionaram a formação de um bicho-máquina que passa a maior parte do seu dia sentado em frente de uma máquina-bicho. E ainda: passa horas do seu dia nesta máquina-bicho para se comunicar com outros bichos-máquina, ao compasso que olhar nos olhos se torna uma realidade cada vez mais distante. Será esta a forma de comunicação que desejamos para o nosso caminho de evolução como espécie?

Esta crise do ser tornou-se tão enraizada e profunda que o próprio ser humano passou a desacreditar de si mesmo. É comum ouvirmos pessoas dizendo: "não confio em mais ninguém neste mundo, vou ficar dentro da minha casa porque senão podem me assaltar e me matar", "eu não acredito mais no ser humano, ele não faz nada de bom", ou ainda, "ligo a televisão e o mundo inteiro está em guerra, este mundo está perdido". O fato "do mundo estar perdido" são apenas reflexos grosseiros de que o mundo das pessoas está perdido, em outras palavras, as pessoas não encontraram uma forma de serem felizes e por isso julgam, criticam e ficam com medo do mundo, afinal, o "mundo" aparenta ser apenas guerras, doenças, destruição e medo.

Em *O Poder do Agora*, Eckhart Tolle simplifica bem esta questão: "*Quando você se percebe, consciente ou inconscientemente, como um fragmento isolado, o medo e os conflitos internos e externos tomam conta da sua vida.*" Desta forma é

fácil perceber como o medo se torna a base de manipulação das pessoas, Chögyam Trungpa explica em seu livro *Sorria para o Medo* que "Para início de conversa, temos uma mente temerosa. Essa mente temerosa é a mentalidade daqueles que ainda têm prazer em hibernar no casulo do conforto." Se tornou confortável sentir medo, confortável colocar grades e cercas elétricas pois se tem medo de assalto, confortável fazer cirurgias plásticas pois se tem medo de envelhecer, confortável tomar remédios a todo instante pois se tem medo da morte, e mais confortável ainda é continuar sentindo medo já que é temeroso libertar-se de tudo aquilo que existe além do medo, e nesta zona de falso conforto nascem os preceitos para a cultura de dominação.

A partir daí se instalam as concepções de superioridade do mundo humano ao mundo natural (pela não percepção de que ambos são a mesma coisa), a subjugação do feminino (Yin) ao masculino (Yang), a dominação de uma cultura específica sobre diversas culturas, ou a ideia de que uma profissão é mais valiosa e produtiva, e por isso, deve ser remunerada muito aquém da maioria dos outros tantos ofícios. Os reflexos externos desta angústia ficam ainda mais evidentes quando olhamos para o quadro ambiental, pois neste quesito o ser humano encontra-se completamente distante e perdido de si mesmo.

O livro *A vida oculta de Gaia: a inteligência invisível da terra*, reúne textos de cientistas renomados e respeitados xamãs e aborda justamente a importância em se recobrar a consciência para uma vida harmoniosa. A famosa frase do Chefe Seattle presente neste livro, em resposta ao inquérito feito pelo governo estadunidense sobre a aquisição de terras indígenas, deixa claro que:

"A terra não pertence ao homem, o homem pertence à terra. Todas as coisas estão ligadas, assim como o sangue nos une a todos. O homem não teceu a rede da vida, é apenas um dos fios dela. O que quer que ele faça à rede, fará a si mesmo".

A catástrofe ecológica que já está se repercutindo no momento presente, fruto das ações humanas, antes de mais nada prejudicará ao próprio homem, incapaz de perceber as manifestações claras de suas ações devido as distrações da mente. Nós nos distraímos na grande obrigação de sermos alguém de valor na sociedade; e ser alguém significa acumular o máximo de recursos possíveis, significa possuir conforto e qualidade de vida, coisas cobiçadas tais como

televisores, celulares modernos, carros novos, roupas e mais roupas. Fugimos da nossa natureza mais bonita, onde mora o campo da sensibilidade, o amor e as possibilidades sem fim, por acreditar que a realidade das coisas, e unicamente as coisas, são o fator determinante que rege nossas vidas.

[As Minhas Coisas]

Eu quero ter

Uma Coisa

Só mais uma coisinha

Duas Coisas

Só mais outra

Cinco Coisas

A última, prometo

Trezentos e cinquenta e sete Coisas

Namorada, televisão, celular da última geração, barriga tanquinho, cabelo liso, sorriso branco e perfumado, um gatinho e três cachorros, quero ver desenho animado, é pra agora, quero já, ter saúde, poder voar, remédio de alergia, remédio de febre, remédio de alegria, remédio de gripe, remédio de dor de cabeça, remédio pra dormir, remédio pra acordar, remédio pra parir, remédio pra trabalhar, remédio de remédio, bunda grande, peito largo, mulher gostosa, homem milionário, árvore de natal, ovo de páscoa, tirar foto com o Papai Noel, viajar pra Austrália, ontem fiquei triste perdi meu relógio de ouro preferido mas tudo bem eu compro outro, hotel cinco estrelas, Champagne importado, comer doce, comer salgado, agora doce de novo, industrializado, desodorante, suco refrescante, chiclete, internet, quanto é o boquete? quanto é o bife com batata frita? quanto é? relógio, chuteira nova de futebol pra jogar uma vez por ano, entupiu troca o cano, rasgou a ponta joga fora, o pano de chão, no chão, não deu certo troca o chão, quero outra vida, outro casamento, outros filhos, outra profissão, quero parar de pensar mas não consigo porque minha cabeça não para de querer pensar então preciso de mais remédios e mais coisas pra não ter que pensar que preciso parar de pensar porque só de pensar já dói a cabeça, quero paz, cadê? quero mais, ainda mais, vou comprar coisas que me deixam em paz, vou comprar coisas que me satisfaz, vou comprar a paz, e transformá-la em coisas, Coisas, coiSaS, COISAS, ColsAs, coiSAS, sasioc,

*cOisas, CoiSas, coisas, coiSas, COisas, cOiSaS, **coisas**, CoiSaS, coisas, coisas-coisas, ~~eeisas~~, coisas, coisas^{coisas}, (coiSas), "COISAS", CoIsas, Ccccccccooooooiiiiiiiiiiiiiiiiisssssssssssssaaaaaaaassssssssss, ociass, sicaso, oicsas, isasco, cosias, siasco, ascois, asiocs...*

Moral da história: O Mundo é feito de Coisas.

3.1.4 Interpretações da Realidade

O mundo é feito de coisas?

Para tentar entender como cada pessoa tira sua conclusão a respeito de alguma coisa, resolvi fazer a seguinte experiência:

Encontrei três pessoas com características distintas de visão: uma que enxergava perfeitamente bem desde a infância; outra que era cega atualmente porém viveu uma parte de sua vida enxergando, e uma terceira que era cega de nascença. Fiz a seguinte pergunta: qual a cor que tem o amor?

A primeira respondeu: Vermelho.

A segunda: Oh meu querido, faz um tempinho que eu não enxergo, mas hoje eu sei que amor tem cor de verdade, e é gostoso e cheira bem.

A terceira: Eu sou cego cara! Amor é a melhor coisa do mundo, mas que cor tem eu nunca vou saber né! Sou cego, mas não sou idiota!

Fiquei curioso em descobrir o que responderiam outras três pessoas, mas desta vez, todas enxergavam perfeitamente desde a infância. Fiz a mesma pergunta para as três: qual a cor que tem o amor?

A primeira: Vermelho.

A segunda: Se amor tem cor, com certeza ele é vermelho.

A terceira: Vermelho.

Muito provável que um cientista social iria me criticar absurdamente, pelos seguintes motivos:

A pergunta foi pessimamente formulada. A questão é auto-sugestiva ao erro, podendo gerar inúmeras confusões. Era necessário elaborar um questionário complexo com no mínimo setenta e cinco perguntas com opções de múltipla-escolha, dentre as quais constassem gênero, idade, classe social, além de nome

completo, telefone de contato, endereço e CPF. Qualquer pesquisa de confiança trabalha no mínimo com um número amostral de 30 indivíduos de cada uma das características de visão, totalizando 90 pessoas entrevistadas. Cores de referência deveriam ter sido adotadas para as pessoas que enxergam perfeitamente desde a infância, evitando desta forma erros comuns como por exemplo, no caso do indivíduo ser daltônico. Um indivíduo que não possui sequer formação na área de humanas não pode ter a capacidade de realizar um estudo competente com resultados confiáveis.

Por isso, ao invés de publicar um artigo e receber críticas ou elogios escolhi fazer uma poesia com os resultados desta experiência, chamada "A cor do Amor"

[A COR DO AMOR]

*Todas as palavras podem ter todas as cores!
As ondas podem ser brancas, combina bem azul-marinho.
Diamantes podem ser negros, e os amantes da noite translúcidos.
A boca pode ser cor-de-pele, cor-de-rosa, cor-de-orvalho.*

*Como a nuvem muda no azul
O alfabeto muda na canção
Revive em cor, em criação*

*Todo dia um velho
Olhando o céu da imensidão
De manhãs e inspirava
A luz da emoção*

*Perguntou a mim: qual é a cor do
Amor?
Lilás, anis, magenta, verde-claro, preto?
Amarelo-ouro, branco, azul-turquesa, marrom?
Vermelho?
Respondi
Ah, vermelho!*

É vermelho sim!

*Coração é vermelho,
O amor só pode ser vermelho!
Mais vermelho que amor não existe
O velho sorriu e respondeu:*

*Coração
Repudiado
Inflamado de
Aflição
Nada tem de cor vermelha
Coração de um
Ancião*

*Quem sabe o que é amor
Um pedaço de carinho
Exala toda cor de
Mãe e filha como ninho*

*Ninguém jamais provou que
Amor tem cor sozinha
O vermelho é bom também*

*E cospe fogo pela minha
No colo da companheira num
Xote bem colado
Esse amor tem cor de
Rosa
Grande um beijo
Amor de lado
Dei minha vida por alguém
E amor tem cor de santo*

*Vou na mata
E deito em folha
Rede e verde amor encanto
Dado e passo na minha
Avó
Debulhou milho
E fez um tanto*

És tanto amor dourado

*Que a sopa até esfriou
Urucum é temperado
Eu comi tudo que o lábio
Marrom-marfim se re-pintou*

*Negra é cor que dá medo
Antes de pensar direito
O escuro ou o preconceito?*

*Brinca de
Roxo a
Ignorância
Negra é
Cor
Abençoada*

*Negritude
Es samba e riso
Música de cor sagrada*

*De todas as palavras
E cores de um
Salmão
Cheguei até o fim do mar
Ante aquela questão
Não descobri uma só cor
Só que pudesse viver sem saber o que é
Amor*

Todas as pessoas tiram suas conclusões sobre o mundo através de como o enxergam, não é porque a maioria das pessoas enxergam que o amor é vermelho, que de fato o amor seja somente vermelho. No livro *O que é Budismo*, a autora Thubten Chodron aponta como a mudança de perspectiva e a forma como se enxerga alguma coisa, influi diretamente sobre o resultado desta coisa, e vai além, ao correlacionar esta dinâmica com a ciência:

"As coisas dependem de causas, das partes que as compõem e da consciência que as observa e lhes dá nome. Quando fazem suas experiências, os físicos quânticos se convencem cada vez mais disso. Eles reconhecem que o experimentador não é uma entidade independente que observa objetivamente fenômenos externos. Em vez disso, influi nos resultados de uma experiência simplesmente observando-a."

Fica claro que os moldes que regiam a ciência há dois séculos atrás não são os mesmos do presente. Interpretar o mundo exclusivamente através de um método específico, dito imparcial, é anular o fato de que esta imparcialidade já cria sua própria realidade, tudo é ação e reação no campo da mente, tudo o que é pensado, elaborado e calculado já influi diretamente na conclusão. Thubten também explica as nuances da realidade e as interfaces entre a desordem da mente, apego e consumo:

"Hoje em dia, nossas mentes são facilmente dominadas pelas falsas projeções do apego. Vemos pessoas e objetos de um modo que não é realista. As coisas mudam o tempo todo mas nos parecem constantes e imutáveis. [...] Portanto, sempre ficamos desapontados quando temos de nos separar de pessoas que amamos, nossos bens materiais se estragam e nossos corpos se tornam fracos ou velhos. Se tivéssemos uma visão mais realista dessas coisas e aceitássemos sua impermanência - não apenas com palavras mas também com nossos corações -, não teríamos esse tipo de desapontamento. Contemplar a impermanência e a morte também elimina muitas das preocupações inúteis que nos impedem de ser felizes e relaxar."

Uma nova perspectiva se torna necessária, capaz de enxergar a vida além de um amontoado de materialidades prontas para serem consumidas. Existe um universo onde as múltiplas interpretações de realidades podem conviver harmoniosamente com as pessoas: o Universo da Arte.

3.1.5 Uma nova Com-Ciência: Ecologia, Arte e Espiritualidade

[Fractal de Deus]

Amor

Arte

Partículas subquânticas

Átomos

Moléculas

Células, cores, texturas, formas

Plantas, animais, minerais

Planetas

Estrelas

Galáxias

Universo

Universos

Versos

Poesias

Arte

Amor

A natureza se manifesta em tudo, como cada partícula subquântica que surge e desaparece pela natureza efêmera e universal da impermanência. Partículas subquânticas dentro de átomos, átomos juntando-se em moléculas complexas, que por sua vez formam seres microscópicos, que vivem dentro de sistemas sanguíneos, formam indivíduos completos de plantas e animais, num planeta chamado Terra, uma irrisória partícula subatômica de um ínfimo átomo girando na imensidão de uma das trilhões de galáxias. Assim como o vazio está em tudo, a Arte está em tudo, tudo começa e termina em Arte. O que seria mais bonito que o balé universal dos astros no céu? Que os rodopios e divertimentos dos cometas? Ou o teatro dos buracos negros e a música da criação e morte das estrelas?

É esta beleza artística o principal canal de comunicação com nossa natureza interior, através de uma linguagem em comum, uma língua-mãe que possa atender a

todos e ser compreendida por todos. Ao dissolver nossas inquietações mentais e devaneios egocêntricos é fácil perceber o potencial infinito de criação que existe dentro em cada ser. A capacidade de transformarmos qualquer amontoado de coisas, ideias, pensamentos, palavras e sons em algo belo, colorido e cheio de vida é um primeiro passo para a ausência de apego destas mesmas ideias, pensamentos, palavras e sons. Uma evolução feliz, espontânea e que tenha um sentido de existir. Porque se é para existir à base de sofrimento, para que existir? Até o sofrimento pode ser transmutado em cor, poesia e som, então deixemos que o mesmo vire cor, som e poesia, porque assim ele sai da gente da forma mais bonita, irradiando luz.

Quando desenvolvemos nossos sentidos artísticos, estamos ficando mais próximos um dos outros; a música, poesia, pintura, teatro, circo, os movimentos do corpo, a agricultura orgânica e biodinâmica, entre tantas outras. Elas quebram com os paradigmas mentais, antropocêntricos, dogmáticos, desmoronam completamente com o mundo que conhecemos como uma máquina de operações precisas, vidas cotidianas de rotinas sufocantes e contas para pagar no final do mês. A arte recria um mundo totalmente novo, o mesmo mundo em que vivemos, porém é um mundo completamente diferente pois nunca paramos para enxergar como o mundo pode ser tão infinito quanto quisermos. E quando ampliamos nossa capacidade de enxergar e nos permitir experimentar da incrível possibilidade de ver a subjetividade de tudo através da natureza da impermanência, surge uma multiplicidade infinita de vida, cores, sabores, palavras, texturas e sons; aí o mundo aparece em sua perspectiva mais apaixonante.

A ecologia, a cultura, a arte e a espiritualidade constituem o alicerce para a solução dos desafios da crise profunda do ser, pois quem mergulha em arte está mergulhando na própria essência divina, na percepção de que o fixo não existe. Enxergarmos as potencialidades e benefícios desta mudança de perspectivas através da arte e do amor, é o primeiro passo para agirmos com clareza e prudência a respeito da ecologia, desenvolvimento sustentável e melhorias ambientais. Purificando nosso ambiente interno e semeando-o com criatividade, nosso ambiente externo (nossa casa, amigos, trabalho, vizinhos e familiares) ele se torna muito mais fluído e harmônico. Os textos aqui apresentados são sugestões de como levar uma vida mais desperta, tranqüila e conectada com os princípios que governam o

universo, experimente um fazer diário poético e altruísta que todas as pétalas da vida se abirão como uma linda flor.

3.1.6 Arte da Natureza, Natureza da Arte

A inspiração que surgiu para as criações artísticas deste trabalho, composições, poesias e histórias, vieram através da natureza, de meditações e mais do silêncio do que da inquietação e sonoridade. Deixo registrado aqui que todas elas não são de minha autoria, afinal o Eu é apenas a realidade mais grosseira criada pela mente. Quando mergulho numa cachoeira, a música vem, a poesia se faz, todas elas por elas mesmas, assim como as partículas subatômicas surgem e desaparecem orientadas pela lei universal da impermanência. O leitor é tão criador da poesia como quem a escreve, e o autor tão leitor como quando escreve.

Desejo que esta leitura tenha lhe proporcionado sorrisos, reflexões e mais amor em sua vida, este é o objetivo final da Arte da Natureza, Natureza da Arte.

4 CONCLUSÃO

Aqui experimentamos um enorme susto...

Aconteceu uma volta para a página do resumo...

Tudo de volta ao início, outra forma de rebeldia e teimosia a descortinar um horizonte de indícios...

Uma simbiose real... de palavras... de possibilidades!

In(d)ícios...

(Esta pista nós devemos ao Matheus!)

"Tudo é Impermanente"

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Mar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

ARTAUD, Antonin. **Carta Aberta... aos Poderes. Manifesto surrealista em defesa da libertação do espírito**. Tradução: Lagerbooks. Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2009.

BARROS, Manoel. **Encontros**. Organização de Adalberto Müller. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

BATESON, Gregory. **Metadiálogos**. Tradução de Carlos Henrique de Jesus. Lisboa: Gradiva, 1996.

BATESON, Gregory. **Verso un'ecologia dela mente**. Milano: Corriere della Sera, 2016.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem. Educação democrática para um futuro humano**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

BLOOM, Harold. **A anatomia da influência. Literatura como modo de vida**. Tradução de Ivo Korytowski e Renata Telles. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

BLOOM, Harold. **Onde encontrar a sabedoria?** Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BLOOM, Harold. **Um mapa da desleitura**. Tradução de Thelma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

CHODRON, T. **O que é Budismo**. 4a ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006. 226 p.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **La pesadilla que no acaba nunca**. Tradução de Alfonso Diez. Barcelona: Editorial Gedisa, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ESCOHOTADO, Antonio. **Frente ao medo**. Barcelona: Página Indómita, 2017.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Caosmose. Um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1982.

LEWIS, C. S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. Tradução de Juliana Lemos. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LIRIA, Carlos Fernández, FERNÁNDEZ, Olga García e FERRÁNDEZ, Enrique Galindo. **Escuela o barbárie. Entre el neoliberalismo salvaje y el delicio de la izquierda**. Madrid: Ediciones Akal, 2017.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto e VERDE-ZOLLER, Gerda. **Amar e brincar – Os fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento – as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MEAD, George H. **Espírito, persona y sociedade**. Tradução de Florial Mazia. Barcelona: Paidós, Ibérica, 1973.

NICHOLSON, S.& ROSEN, B. **A vida oculta de Gaia: a inteligência invisível da Terra**. 1a ed. São Paulo:Gaia, 1998. 299 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **A visão dionisiaca do mundo**. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo - Como alguém se torna o que é**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORDINE, Nuccio. **Classici per la vita. Una piccola biblioteca ideale**. Milano: La nave di Teseo Editore, 2016.

ORWEL, George. **O que é fascismo? E outros ensaios**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PARDO, José Luis. **La regla del juego**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2004.

PINTO, Álvaro Vieira. **A questão da universidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

RILKE, Rainer Maria. **Do amor, da fé, da bondade e da moral**. Largebooks, 2009.

ROLNIK, S. “**Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético / estético / política no trabalho acadêmico**”. In Cadernos de subjetividade. São Paulo. V. 1 e 2. Set. fev. 1993. Páginas 241 -251.

SANTOS, **A universidade no século XXI**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SILVA, Agostinho. **Biografias**. Volume I e Volume II. Lisboa: Âncora Editora, 2003.

TOLLE, E. **O poder do agora**. 5a ed. São Paulo: Sextante, 2002. 224 p.

TRUNGPA, C. **Sorria para o medo: o despertar do autêntico coração da coragem**. 1a ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003. 161 p.

VAIHINGER, Hans. **A filosofia do como se**. Tradução de Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos, 2011.

WILSON, Edward O. **Cartas a um jovem cientista**. Tradução de Rogério Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

APÊNDICE A – OUTROS PERCURSOS DE SENTIDOS

[A Viagem]

Daqui até lá

- Por favor senhor, quanto custa a passagem para esta viagem?
- Não custa nada.
- Como não custa nada?
- Não custa nada.
- Como assim? Quer dizer que é de graça?
- Não disse isso.
- Ué, mas se não custa nada não é o mesmo que dizer que é de graça?
- Não.
- Não entendi.
- Veja bem, se não custa nada quer dizer que você não vai precisar pagar nada para embarcar. Mas que é de graça eu não lhe garanto.
- ?
- Você vai encontrar graça, alegria, tristeza, amargura, lamento, hipocrisia, raiva, tédio, sono, melancolia, prazer, aventura, medo, coragem, esperteza, sonho, dúvida, comédia...
- Ha ha ha ha, muito engraçado, mas só que não. Diga logo quanto é a passagem que eu já estou atrasado e preciso embarcar! Pode ser?
- Compromisso, fidelidade, traição, luxúria, pesadelo, riqueza, ignorância...
- Estou começando a perder a paciência!
- Paciência é uma das melhores, bem lembrado! Virtude, calma, serenidade...
- Olha, eu não sou idiota pra ficar escutando um louco como você!
- Loucura, imaginação, liberdade, fantasia...
- Chega!!! Eu cansei!
- Estresse, dor de cabeça, paranóia...
- Você por acaso está zombando de mim?
- Ódio, vingança, perseguição, impotência, frieza...
- Eu vou chamar a polícia então, vamos ver quem está com a razão!!!
- Corrupção, extorsão, pressão, fraqueza,
-
-
-
- Sorte a sua que não achei nenhum policial nesta rodoviária...
- Cinismo, fracasso, desordem, insensatez...
- Ah, basta! Sabe de uma coisa? Adeus!
- Não achou o que procurava?
- Doente! Louco!

[A Viagem]**De lá até aqui**

- Boa tarde senhor, para onde?
- Boa tarde, quanto custa a passagem para Rio Claro?
- R\$ 52,60.
- Tudo isso?!
- Perfeitamente senhor.
- Imaginei que seria mais barato!
- Este é o preço da companhia senhor.
- Não tem nenhuma outra empresa que faz este trajeto? Não estou com todo este dinheiro aqui.
- Não senhor, esta é a única. O senhor poderia dar licença para outros clientes por favor?
- Que absurdo! Como pode?
- Com licença senhor, segurança no piso 2 por favor.
- Não, espera aí...você aceita cartão de crédito?
- Aceitamos sim senhor.
- Tá, só um segundinho...Caramba, onde deixei minha carteira, que caral...Aqui, achei!
- Certo senhor, insira o cartão por favor.
- ...
- Coloque a senha e tecla o botão verde.
- ...
- Pronto, pode retirar o cartão. Seu comprovante de pagamento senhor e a passagem rodoviária. Plataforma 46, poltrona 21, saindo às 18:45 para Rio Claro. Tenha uma boa viagem, nossa empresa agradece a preferência. Próximo!
- Ok, boa tarde, muito obrigado.

**Aos senhores e senhoras,
nossa empresa deseja-lhe uma ótima viagem!**

[]

O homem sem poesia é o mesmo que um átomo sem espaço. É apenas partícula inerte, flutuando no oceano da razão sem fim. A cachoeira não é mais cachoeira, é apenas água caindo sem cessar. A árvore não é mais sua amiga, sua companheira de confidências, é apenas madeira para seus móveis e carpetes. Quem será mais inanimado? A árvore que não fala com o homem? Ou o homem que não se comunica consigo mesmo? A pedra fria, calma e silenciosa? Ou o ser irrequieto que se torna estagnado na frieza? A flor que paira em pura essência? Ou o ser sem essência? O que então é a mente descontrolada, senão um mero juízo de valores?

Música [Hoje acordei com Vontade de...]

Hoje acordei com vontade de cantar
cantar é lindo que até me faz brilhar
abrir a janela e sentir o sabor do vento
e emanar o mais lindo pensamento
abrir a janela e sentir o sabor do vento
e emanar o mais bonito, o mais bonito pensamento

Hoje acordei com vontade de brincar
brincar é tão lindo que me faz gargalhar
encher os olhos de alegria e de esperança
fazer arte o dia inteiro e sentir o bem de ser criança
encher os olhos de alegria e de esperança
fazer arte o dia inteiro e sentir o bem de ser criança

Hoje acordei com vontade de plantar
plantar um sonho, de vida e girassol
regar a semente, mexer com a mão na terra
e ver que a nova era já está para germinar
regar a semente, mexer com a mão na terra
e ver que anova era já está para germinar

Hoje acordei com vontade de amar
amar é tão leve que até faz levitar
fazer amor, tarde, noite, noite, dia
e escrever poesia na aurora desse luar
fazer amor, tarde, noite, noite, dia
e escrever poesia na aurora desse luar

Música [SOS Humanidade]

Dizem que isso é utopia, fanatismo, piração!
Não acredito que é mentira, não é o que diz meu coração
Você que vive na ilusão, só enxerga a sua dimensão
Venha comigo meu amigo, rumo a libertação
Venha irmão, dou-te a mão, pois sempre estarei ao teu lado
Não me confunda com o inimigo, sou seu maior aliado
Vá soldado! As mesmas mãos que causam tal sofrimento
Podem transformar o mundo, basta ouvir o batimento
Do amor, do interior, brota o ritmo cardíaco,
Extravasa o corpo físico e eleva seu espírito
É como este canto lírico, componho e agora passo
Fluindo em onda infinita, reverberando no aço
No espaço, no universo, e vai quebrando o concreto
Da cidade,
E quebrando o concreto de um coração duro, a maldade
Propomos uma vida em simplicidade,
Para curar essa terra, oh mãe linda divindade...

[refrão]

Quando o ser humano a tudo desmerece
Revoga a sua própria vida e a compaixão carece
A magia perece, destrói e espalha a dor
Ele então se esquece de semear o amor

Mas nada está perdido, pois ainda há solução
O caminho da alma, o espírito, a libertação
Renascerá seu corpo, sua mente transformar,
Navegar em águas de paz, e o ciclo renovar
Então não haverá guerra
Não haverá mais fome
Não existirá império
Nem imperará teu nome
Pois há de descoberto aqui o seu papel,
O seu lugar no mundo, forma, terra, água, fogo, céu
Os 4 elementos, todos enfim reunidos
Em constante mudança, fluindo, o chakra se abrindo
Teu corpo indo e vindo, é bondade e união
Então vamos todos dar as mãos, e formar uma só grande nação
Então não haverá guerra
Não haverá mais fome
Não existirá mais reino
Nem reinará seu nome
Esquecer toda a maldade, ver como o mundo é lindo
Viver em liberdade, sempre se estará sorrindo
Sinta toda a pureza enquanto está respirando
A força do infinito para se seguir sonhando
Sonho este que um dia não haverá mais guerra

E enfim eu seguirei em paz, por toda a face da Terra...

E pela face da terra, lá vai o homem a passos largos,

Modificando o espaço, geográfico

Deixando seu pedaço, traço

Onde passava caminhava lento

Ampliando seu horizonte, buscando o conhecimento

O objetivo era desenvolvimento em sua razão

Mas parece que ao se voltar para a mente, se esqueceu de sua emoção

E então ele dividiu o todo, o final do inicial

Do ciclo cosmos sideral, o bem do mal

E desigual, tornou os seus valores regado a tristeza

Distanciou o seu diálogo junto à mãe natureza

Tu tens o peso nas costas de acabar com esta miséria

Nos quatro cantos do mundo, da América a Suméria

Norte, Sul, Leste, Oeste, pelas terras, céus e mares

Ouçã e espalhe essa mensagem, SOS humanidade

Pois não importa cor, etnia, pátria ou religião

Então vamos todos dar as mãos, e formar uma só grande nação

[repete refrão]

Música [Jatobá]

Olha o Jatobá, lá vai correndo pela serra
Correndo pela serra, olha lá vai o Jatobá
Olha o Jatobá, lá vai correndo pela serra
Correndo pela serra, olha lá vai o Jatobá

Desde o Juazeiro, até país estrangeiro
Jutaí espalha ligeiro, Cajucá, Carnacaúba
Lá do nordeste até o sudeste brasileiro
Meu pé de Jatobazeiro, Embu-Açu, Embu-Atuba
Sobe no filão, sobe no pé de abacateiro
Cata a fruta mulanguero, depois sai para pescar
Traz a mandioca, põe lenha no fogareiro
Mistura erva de cheiro, maxixada com fubá
Quebra a casca dura, soca pilão, deixa oco
Bate a farinha com côco, pra família se fartar
Pega esse pandeiro e toca nesse terreiro
Depois cobre essa semente para ver o Jatobá

Olha o Jatobá, lá vai correndo pela serra
Correndo pela serra, olha lá vai o Jatobá
Olha o Jatobá, lá vai correndo pela serra
Correndo pela serra, olha lá vai o Jatobá

Olha o Jatobá, lá vai correndo pela terra
Correndo pela terra, olha lá vai o Jatobá
É tanta beleza, tanta cor da natureza
Farinha verde na mesa e dá vontade de cantar
Flori Jatobá, joga a semente no xaxado
Enfeita este cerrado, pros bichos se alimentar

Vem porco-espinho, vem queixada no caminho
Chega anta e passarinho, onça e lobo-guará

Vem quati com fome, vem até bicho-homem
É tanto movimento de comer, mexer e fuxicar
Quando a flor branca desperta, nesta planície deserta
É sinal que a chuva alerta, um tempo novo de encantar
Germina semente, e vente, corre no riacho abaixo
Vem palmeira, leva cacho, pra avivar este Brasil
E quem não viu toda a lindeza e magia do cerrado
Não há coisa mais bonita que meu pé de Jatobá

Olha o Jatobá, lá vai correndo pela serra
Correndo pela serra, olha lá vai o Jatobá
Olha o Jatobá, lá vai correndo pela serra
Correndo pela serra, olha lá vai o Jatobá
Olha o Jatobá, lá vai correndo pela terra
Correndo pela terra, olha lá vai o Jatobá
Olha o Jatobá, lá vai correndo pela serra
Correndo pela serra, olha lá vai o Jatobá

Música [Serra do Mar]

Serra do Mar, Serra do Mar

Sua força começa na mata da serra e termina no mar

Serra do Mar, Serra do Mar

Sua beleza começa no colo da serra e termina no mar

Mata serra, serra mata, serra mata, mata mar

Mata essa moto-serra pra mata encontrar com o mar

Mata serra, serra mata, serra mata, mata mar

Mata essa moto-serra pra mata encontrar com o mar

Ainda cultivo esperança / é o que me deixa feliz

De ver tudo florescer, nascer / no chão deste país

Sonho grande este um dia ainda / irá se realizar

De ver toda mata estreita / se ajuntar à serra do mar

E ver o pasto de gado / virar uma serra do mar

E toda plantação de cana / será uma serra do mar

É Onça Parda, Preguiça, Macaco-Prego / é Mico-Leão-Dourado, Capivara, Beija-Flor

É tanto bicho, é tanto nicho, e tem cochicho / que não tem espaço pra lixo, só tem espaço pro amor

São todos nossos amigos da floresta, que cantam e fazem festa, prontos pra nos ensinar

Cheios de sabedoria, alegria, poesia, cantoria, que magia e ajudar a preservar

Se o homem perceber esta riqueza, com humildade e com clareza, certamente enxergará

Melhor do que ver a floresta virar madeira na feira

É ver o colo da ribeira, ribanceira à beira-mar

Melhor do que bicho preso na gaioleira

É bicho feliz e solto, livre pra se avuar

Melhor que homem preso na cidade inteira

É índio, caboclo, nêgo, caiçara a vir morar
Pois a nova consciência já nasceu e o fruto que colheu é agrofloresta pra plantar
E a mata vai vingar em toda zona desmatada
Uma linda flor das águas igual à Serra do Mar

Serra do Mar, Serra do Mar
Sua força começa na mata da serra e termina no mar
Serra do Mar, Serra do Mar
Sua beleza começa no colo da serra e termina no mar
Serra do Mar, Serra do Mar

Mata serra, serra mata, serra mata, mata mar
Mata essa moto-serra pra mata encontrar com o mar
Mata serra, serra mata, serra mata, mata mar
Mata essa moto-serra pra mata encontrar com o mar

[SomComSentir]

Cores, texturas, formas, sons...

Sons que ressoam do canto dos pássaros.

Sons que ecoam pelas matas, pelos zunidos dos insetos que rasgando a serrapilheira das florestas como foguetes atômicos.

Sons de átomos em formas de zunidos que preenchem os espaços vazios do ar.

Sons que saem dos pneus de uma bicicleta em movimento de liberdade pelas ruas da cidade.

Sons que entram na cabeça, sons que saem da cabeça.

Sons que vibram nos ouvidos, soando em explosões de criatividade, os mesmos que clamam pela grande pausa em tempo presente; eis que surgem os mais belos sons da natureza:

Sons do silêncio.

E através do silêncio eu posso escutar a sinfonia da vida.

Vida é natureza.

Vida é som.

A música e a natureza, duas irmãs que se complementam numa linda dança sem sentido de existir, habitam uma na outra com o sentido de sentir, de pulsar e navegar.

O que é o som além da manifestação da natureza em forma de onda? Em forma de vento? Em forma de poesia?

O que é a natureza então, senão um espetáculo de cores, cheiros e sons orgânicos? Simplesmente simples?

E o que é a vida? Senão um conjunto de sons e complexos movimentos em sincronia cósmica?

O que seria então a música da natureza?

Paremos para escutaras lindas gralhas que cantam no famoso campinho do IB. Certamente um musicista com um bom ouvido treinado e que tenha desenvolvido a capacidade de percepção sutil das frequências produzidas pelos sons, ou aquele indivíduo que já tenha nascido com a ampla capacidade que conhecemos por ouvido absoluto, irá dizer: com certeza a maior parte das gralhas cantam em Sib, os filhotes em Ab, a 7ª menor de Sib, e algumas raras em C#. Será isto a música da natureza? Será isto o que procurei tanto nestes anos? É claro, quem quiser publicar um lindo artigo acadêmico das gralhas e suas respectivas frequências peculiares certamente merece um prêmio Nobel de filosofia. A música da natureza está mais do que em ouvir Si bemóis ou Sol Sustenidos no canto das gralhas e dos sabiás. Está na pureza única, além do que podemos chamar por timbres, destes animais. A música destes bichos, livres, leves e soltos na natureza, me faz sorrisos todas as manhãs, me dá momentos de uma felicidade tão espontânea que surge a vontade de me ajuntar nas copas das árvores e declamar tantos Si Bemóis e Sol Sustenidos, assim como conjuntos de sons imperfeitos e magníficos, e simplesmente ser assim como estes bichos, livres, leves e soltos na natureza.

[Notáveis Frases Criativas]

(frases que surgiram em aulas durante o meu período de faculdade, foram anotadas e escritas abaixo, o nome dos professores não estão citados neste trabalho)

"Parabéns pela criatividade Daniel! Zero".

"Vou lhe dar um conselho para sua vida que vai ser muito útil: a universidade não tem espaço para criatividade"

[O Artista]

O Artista sorri

O Artista não só ri

Ele chora,

Ele canta,

Dança,

E faz poesia

Onde o ser comum vê o mundo,

O Artista enxerga infinitos mundos

Onde o ser comum declara ordem e progresso,

O Artista proclama flores e resiliência

Onde o ser comum trava guerras e batalhas,

O Artista faz amor

Onde o ser comum habita um coração vazio,

O Artista se faz habitante no vazio do coração

O Artista, o mais desvairado e louco dos seres,

O Louco mais lúdico das cores e amores do universo,

O Poeta mais bêbado e depressivo ao fundo de uma taberna,

O Músico mais frustrado abandonado à tristeza de seu instrumento,

O Pintor mais rebelde e mazoquista,

O Amante mais doente de amor

A condição do Artista transcende sua própria condição,

Transcende sua própria Arte,

Sua própria essência de ser nada,

Senão,

Um mero,

Artista

O Artista já foi perseguido (e ainda é...),
Já foi queimado na fogueira,
Torturado,
Estrupiado,
Um ser baixo,
Sujo,
Imundo,
Asqueroso,
Repugnante,
Um verdadeiro perigo para a sociedade!
Isto porque,
O Artista apenas seguiu,
O seu mais impuro e natural
Impulso,
De ser Artista
O Artista se redescobre a cada nova inspiração,
E se afunda na depressão das inspirações diárias
O Artista destrói monumentos de presidência com suas palavras,
E constrói podridões e maravilhas,
Mais entrelaçadas,
Que dois seres entrelaçados,
Fazendo Arte
O Artista é um ser bizarro,
Que provoca medo,
Com seu hilariante sorriso de Palhaço
Palhaço que é apenas uma criança,
Brincando com a mais bela e horrorosa das artes,
A Arte de ser Artista
O Artista não segue padrões,
Ele critica,
O Artista não critica,

Ele debocha,
O Artista não é debochado,
Ele se entrega ao sexo,
O Artista não faz sexo,
Ele goza da felicidade alheia,
O Artista não goza de felicidade alheia,
Ele goza da própria felicidade,
O Artista cria a felicidade,
Afinal de contas,
O Artista Vive
O Artista não é feliz,
Afinal de contas,
O artista vive,
O artista sobrevive,
O Artista não sobrevive,
Ele Sonha,
O Artista não tem como sonhar,
Pois ele domina,
E é dominado por seus pesadelos,
O Artista não governa,
Nem obedece,
Ele tem sua própria terra,
O Artista não tem terra alguma,
Ele inventa o seu mundo,
O Artista não inventa nada
(quem inventa são os cientistas)
O Artista Cria!
E é de sua cria que nasce sua maior aflição:
Desaparecer o Artista que há dentro do Artístico;
Ou pior,
Desaparecer o Artístico que há dentro do artista.

[Paredes de Hospital]

Me perguntei porque os hospitais são sempre brancos...

Assim como alguns fatos da vida passam despercebidos, como o amarelo dos girassóis, crianças brincando com as folhas cinzas caídas no chão e andarilhos declamando lindas palavras de compaixão, também me passou despercebido porque todos os hospitais são pálidos e gelados.

Já não sou grande frequentador de hospitais, embora admire muito a cor branca, nada me agrada aquele aspecto frio das paredes. Os hospitais também podiam ser verdes, melhor: eles podiam ter árvores, belas orquídeas caídas sobre as salas de cirurgia, lindas margaridas derramadas pelos corredores, violetas nos consultórios e pariparobas com suas belas folhas de coração na recepção. Quem não enxerga a beleza das palavras soltas está tão doente quanto quem pinta de branco as paredes dos hospitais.

Os hospitais podiam ter então frondosos Jatobás, cujas Jutaís esparramassem o chão de felicidades. Podiam ter Ravenalas para os saudosos viajantes que ali chegam para se deleitar em estadia serena e se recuperar de suas enfermidades, outros, que já partem. Agora, se é para partir em viagem, que seja acompanhado à estação por belas flores do que por microscópios, cateteres e vidros de formol com cores estranhas ao olfato.

Quando estou doente vou conversar com as amigas plantas no jardim do fundinho de casa. Elas me curam, e se elas me curam é porque estou doente, estava doente e nem sabia. Elas me fazem crer na vida. Me fazem crer em minhas doenças. E me fazem crer em minhas doenças para que possa crer em minha cura.

Asco, catarro e cascas de amargura escorrem pelas minhas narinas.

Tosses e palavras asquerosas enrustidas saem como vômitos de bile espessa de maldizeres.

Prantos sem fim de uma solidão e carência da minha própria insignificância escorrem pelos poros de minha pele.

Escorrem, tosse, gritam e choram as milhares de dores em meu corpo, em minha mente e em minha alma.

Cânceres da existência,

Varizes de luxúrias,

Depressões de desesperos,

Derrames de prazeres mórbidos,

Até que mergulhado em feto estou vazio,

Flutuando no universo abissal do silêncio,

Eis que deito no colo das fadas e duendes,

E sou preenchido pela compaixão das tulipas, violetas e girassóis.

Os manjericões me chamam de louco,

As cebolinhas demonstram toda a minha incoerência,

Me fazem chegar ao ápice da raiz da vergonha,

As Espadas de São Jorge me fazem um ser de uma fragilidade tão nítida como a lança de suas pontas em minhas espáduas.

E me deito novamente sobre o jardim de Gaia.

As trepadeiras me abraçam,

trepam em mim vorazes pelos beijos, me acariciam, chupam, mordem e me ferem de ferrões de espinhos,

querem meu sangue, querem minha pele, querem meus gritos e gemidos,

quero sua seiva,

seu néctar mais puro de ingenuidade

envolvido por sete léguas de lianas,

que se misturam aos meus cabelos,

já não sei quem sou,

já não sei quem são elas,

Somos

Plantas

Somos

Uma

Meu corpo estremece de dor e de amor,

e chego ao orgasmo de sua compaixão.

A paineira, soberana e implacável ao centro, me traz lições de uma sabedoria tão infantil e doce como espontâneos rabiscos coloridos,

grandes desenhos são projetados nas paredes,

as paredes desmoronam,

toda a casa desmorona,

e as belas orquídeas me trazem a sabedoria de que, apesar de pequenas e enrustidas, a flor se abrirá em cores e cheiros grandiosos.

Faz muitos anos que fui à um hospital branco, desta última vez estava somente com um berne. Sem sequer me analisar direito o médico foi logo receitando: antibiótico! E me deram uma lista longínqua de nomes arripilantes, temerosos que o próprio diabo escolheu a dedo todos eles e estremece de prazer. À começar pelo prefixo de antibióticos, se isto fosse remédio não começaria com Anti,

poderia começar com Anis,

ou que tal Alecrim?

Gerânios seriam perfeitos!

Para aqueles que andam com hipocondria, e se viciaram em suas doenças...

Hoje posso me dizer freqüentador assíduo de hospitais,

vou ao hospital todos os dias!

Tomo garrafadas de sorrisos.

Chás de alegria pelas manhãs.

À noite, um bocado de palavras bonitas,

e durmo com a certeza de que,

se os hospitais fossem cheios de flores coloridas, não haveriam mais tantas pessoas doentes no mundo.

(Este poema-crônica foi escrito quando estava muito doente, a Arte e a Ecologia me trouxeram a luz e a cura necessárias. Nos momentos de dúvidas, ouça as plantas. Não insista, elas nunca irão lhe falar como se fossem seu médico numa sessão de psicanálise, você pode se frustrar imensamente se esperar que lhe dêem receitas de cura instantânea como paracetamóis. Elas irão conversar com seu coração e atingir a mais profunda cura de todos os males, se você permitir.)

[Cachoeira]

Brota da fonte
Percorre o horizonte
E se põe onde a mente
Já descansa a fronte
Vira rio
Vira Mato
Revira o corpo em calafrio
Trança fio
No cio do ato
Desce a Serra
Sobe as montanhas
Forma curvas
Tão bonitas
Como aquelas, esculpidas em teu corpo
Inunda
E sorri
Som e cor mergulham em Foz
O que atroz era marcada
Agora Límpida
Renovada
Sonho à beira
Pra lavar a derradeira
Alma
Transparência e calma
Brotam da dura pedra
Fura
A margem escura
Cicatriz. Cura
Verdeja o leito
Faz massagem
A drenagem em seu curso
Segue viagem
E canta...
As águas passaram
E também balançaram
De encanto e de pureza
Me tomaram
Leve e cheia
Completa e suave
Há de limpar
Com total transparência
Há de levar
Todo rasgo na essência
Deito no ventre
Subo a ribanceira
Desejo a ti rios de nascentes
E águas de cachoeira

[Peripécias de um Nômade Cultural]

Entre galhos de árvores de manjerição

E garfos de bicicletas

Ruas de artistas e gigantes

De pernas de pau e heróis sem pernas

Num frenesi absorto de virtudes e gargalhadas

Em abraços de paineiras joviais e amoras gentis

Eis que surge o nômade cultural

Ele desenha

Risca

Rabisca

A risca

Da insensatez

A amplitude da forma

Será um quadro numa moldura?

Ou estará dentro do próprio quadro?

Estará o pintor

O mecânico de liberdades

O fazedor de movimento

E o descumpridor da ordem

Estará o menino

Que pulsa

E vive

Sempre mudando
De ninhos em passarinhos
De solos em colos
Desfazendo rias e alegrias
Utopias de revelias
Folias de lágrimas
Toma goles de suor
Chora gozos de lentidão
O nômade cultural não se contenta na estagnação
Ou mesmo no estado da ação
Nem na nação de estado
Tampouco nocão ao lado
Exalta-se pela beleza
Da natureza dos versos
Das cores das lianas
Dos traços das Anas
Do amparo dos velhos
Do sorriso das melodias
O Nômade Cultural nem sabe ao certo a que cultura idolatra
Só rasga em passos
Os aços da canção
E as desenvolturas dos traços
Ponto

E

Vírgula

O Nômade Cultural se torna fixo

Imóvel

Encaixotado

No pacote da razão

O eixo do conhecimento

No saber do desconcerto

De Vivaldi a Dali

Se perde em Sib

Será ali seu fim?

Ou estarás prestes a florescer?

Abandona o recinto

Como todo e qualquer bom nômade

Sai

Vai

Não pensa

Nem para

Repara

Como tudo está em movimento

Atento ao alento alheio

Ao assento de privada

E às bundas mal lavadas

O Nômade Cultural se perde em vistos e passaportes

Em desportos e cláusulas

Parágrafos, Artigos, Versículos, Incisos, Epígrafes, Resumos, Bibliografias,
Anuências,

Leis

Será ali o seu fim?

Vai

Desfaz a ordem

Ordena

E para

Pela primeira vez para

Não faz nada

Nem reage

Não pisca

Não olha

Não vê

Vê o que?

Nada

Não há mais significados

E sem significado não há cultura

Nem bibliotecas

Muito menos aviões

Carteiras, relógios, assoalhos de piscina, brinquedos infantis, corpos nus,
esquizofrenias, viagens, teatros, fantasias, líquidos, espaçonaves, robôs, números,
pesadelos, sons, cores, linguagens, danças, ritmos, histórias,

Sem significado não lhe resta mais nada

Valeu a pena?

Valeu?

Pena voa

Deixa sua trouxa

Deixa seu lençol

Deixa seu diploma

Seu título de doutor

Deixa o asco e a fadiga cerebral

A cultura assume um novo significado

Brinca

Chora

De tanto brincar

Faz peripécia

Desenvolturas circenses

Malabarismos gestuais

Transaspirofágicas

Ri

Ri

Ri muito

Ri até fazer xixi

E ri ainda mais

Pronto

Para onde irá agora?

Não para

Não pensa

Não vê

Ah penas! Ri...

E como todo bom nômade,

Que troca o certo

Pelo excerto

Simplesmente

Vai

[O pequeno inventor]

O que você vai ser quando crescer?

Quero ser inventor - o pequeno respondeu.

Como assim inventor?

Quero inventar cores, poesias e músicas.

Pintor

Escultor

Trapezista

Agricultor

Sem senhor ou sem senhora

Sem a pompa e toda a glória

Apenas mero

E exímio inventor

O pequeno não enxergava a lógica

A idéia e a diabólica

A reta e a parabólica

O pequeno inventor só inventava

Fazia poesias

Criava cores

Mudava sons

Um galo que mia?

Uma onça que pia?

Ou um rinoceronte em cima da pia?

Tudo cria do pequeno inventor

Toda vez que a criança fazia

O mundo vigiava e punia

Toda arte que o menino inventava

Era inútil e não servia pra nada

Toda roupa que ele sujava

Mais uma bronca e castigo ganhava

Mas nada adiantava

O menino não parava de inventar

Sempre vivo a criar

Contente a destruir a semântica e a etiqueta

A gramática e a camiseta

A ver gigante em borboleta

Astronauta em mosquito
Lápis em pirulito
Orelha de gato em cabrito

Então tiveram uma idéia
Tão maquiavélica que o próprio menino não saberia escapar
E perguntaram pra ele mais uma vez:
O que você quer ser quando crescer?
Ele respondeu: Quero ser inventor!
Ah, então já sabemos a profissão perfeita para um aspirante a inventor, mas não
vamos lhe contar até que você fique mais velho.
Deixaram o menino curioso, e a curiosidade era o que fazia o menino inventar as
coisas.
De tão curioso chegou um dia e perguntou:
Quero saber, qual é a profissão perfeita para um inventor?
Você será um grande cientista! - responderam - Vai estudar ciências na
universidade e aprenderá tudo o que um grande cientista tem que saber!

O menino descobriu que os cientistas fizeram muitas coisas maravilhosas.
Inventaram o asa delta
Inventaram o avião
A corda e o acordeon
A lâmpada e o telefone
A flauta e o saxofone
Mas não entendia porque os cientistas que faziam coisas tão bonitas
Também podiam ser capazes de criar
O aluguel e a corretora
A bomba e a metralhadora
O transgênico e o agrotóxico
O capital e o negócio
E novamente se veio a perguntar:
Porque que os cientistas fazem coisas tão bonitas e feias ao mesmo tempo?

Ninguém lhe respondia, só diziam que ele deveria inventar
Inventar mais
Cada vez mais
Sem cessar
Sem perguntar
Não via mais graça nos seus inventos, nem tinha mais ideias
E de repente percebeu que toda a sua criatividade havia se esgotado
Era pago para inventar
Mas não era divertido nem lhe fazia mais feliz aqueles inventos

O pequeno, que já não era mais tão pequeno assim, desiludido com a vida e com aquilo que havia se transformado, parou de criar
Temia que tudo aquilo que inventasse pudesse ser transformado em armas
Para agredir e dominar as pessoas
E foi se embora pelo mundo a chorar

Passaram-se vários anos e ninguém suspeitava do paradeiro do menino
Sua mãe, tomada pelo grande amor que a movia, continuava a procurar
Em cada canto
Em cada esquina
Em cada rua
Algum sinal
Do pequeno grande inventor
Conhecia como ninguém os inventos da criança
E saberia com toda a certeza
Só de ver uma obra de sua criação
Que ali estaria o filho
À inventar o que desse sua mão

Caminhava um belo dia por uma praça
E foi lhe o ar da graça
Que avistou de longe uma canção
Aquele bonita voz
Que atraía uma multidão
Recheava a praça
Com cor, festa e balão
Crianças pulavam em volta do ser
E adultos paravam pra rir e saber
O que havia naquele homem
Que quando falava
Desfilava a humildade
E o sentido de viver

Quando a mãe chegou de perto seu coração disparou
Eis que era o menino
No ápice da criação
Dizendo:
Mãe, aqui está seu filho, cansou-se de tanto não!
Descobri que o maior invento que se pode criar
É aquele que só o amor é capaz de declamar
Sua poesia fez-se em cores e dissolveu todas as dores
Que a mãe pudesse explicar

O pequeno inventor anda pelo mundo
Criando coisas que tornam as pessoas mais felizes
Jamais voltou a ser pago
Por qualquer forma de criação
Que fizesse mal a uma formiga
A uma ideia ou sugestão
Quem por ele cruzava logo anunciava:
Eis um grande artista!
Pois havia
Descoberto na poesia
E na magia do amor
A sua maior invenção

[FORMATAÇÃO]

Agora que me formei,

estive dentro da fôrma,

estive dentro da forma,

fui enformado para ser desenformado,

informado para ser desinformado,

desinformado para ser conformado,

descobri que toda a informação na mão de um ser humano pode servir para duas coisas: resumir o pensamento de qualquer pessoa à uma forma de pão, ou, para fazer um bolo bem gostoso, dividir com os melhores amigos e dar boas risadas!

**A nossa empresa agradece a preferência,
tenha uma boa tarde e um ótimo bolo!**

Por uma sonata ao piano, tocada a quatro mãos...
Tantos percursos de sentidos nas dobras dos sons...

Outro modo de fazer ciência é possível...

Outro modo de formar a juventude é possível... Assim como outra universidade é possível!

Outra Ecologia é possível... Assim como outro modo de fazer ciência é possível!

Nós lançamos mãos de uma metáfora para completarmos esta defesa de que podemos fazer outra ciência em uma articulação com a arte. Este nosso gesto tem uma recusa e uma aposta.

O que recusamos?

Nós recusamos, antes de mais nada, a morte do pensamento! Recusamos um trabalho de formação da juventude que só se sustenta em uma cumplicidade com a estupidez. Os jovens chegam nas instituições e esperam um apoio para o desenvolvimento de seu potencial. E a estupidez se apresenta como um dispositivo de poder suficientemente forte para jogar os corpos dos jovens na total tristeza. Nós recusamos também a tristeza imposta aos corpos.

Qual é a nossa aposta?

Apostamos nas afinidades e na cumplicidade com tantos artistas e cientistas.

Por isso, então, nós descrevemos alguns temas de afinidade com o nosso pensamento e demonstramos a cumplicidade sob a forma de uma presença. Se estamos mesmo proporcionando um concerto, se nós tocamos uma sonata ao piano, a quatro mãos, nós também nos perguntamos quem se faz presente em nossa imaginada plateia. Todos os autores elencados em nossa bibliografia compareceram em nosso concerto, cada um trazendo os seus textos. Todos eles confirmam as afinidades com os nossos temas e a cumplicidade com nossa recusa e com nossa aposta. Há muita gente fazendo o exercício da teimosia e da rebeldia em outros modos de fazer ciência, sem perder os laços de compromisso com o mundo!

Quando os nossos olhares vasculharam a plateia, nós encontramos autores, cientistas e artistas, algumas presenças com a apresentação de seus temas específicos e de interesse imediato para o nosso texto.

Paisagens da desolação

Ou do modo como as paisagens do medo se fortaleceram diante de uma ecologia impossível...

Em algum momento quase nos abatemos. O abatimento em nossos corpos se expressou na resistência diante de uma necessidade de escrever. Nós enviamos uma carta a um amigo como uma forma de expor as marcas dos riscos de não conseguirmos realizar a nossa tarefa:

Prezado amigo,

Sei que compreendes os motivos de tanta demora no envio de mais textos e poesias, e meu sumiço por um tempo em nossa costumeira troca de mensagens. Após um ano e meio fora da academia confesso que não encontrava motivação para escrever qualquer coisa dentro dos moldes da linguagem científica. Ao me mudar para Tatuí, a vida repleta de música, teatro, circo, dança...me trouxe um ar de graça que não sentia dentro das salas de aula da universidade, embora Rjo Claro seja um lugar que sempre guardarei com muito carinho, onde aprendi muitas coisas e sou grato imensamente por todas as experiências que lá vivi.

Percebi que mesmo na música e na arte ainda existem muitos preconceitos para se dissolverem, mas o que há de mais valioso: percebi os preconceitos em

mim que precisavam se dissolver. Vi na academia uma imensa distância da realidade, por ser tão teórica e reflexiva ao compasso que dispensa a aplicação daquilo que critica e sugere. Da mesma maneira, no conservatório, outra ruptura se tornou evidente de forma inversa: a pura prática e aplicação sem a reflexão do porque fazer, estudar e tocar isto ou aquilo. Dois mundos completamente opostos interligados pela mesma distância entre o que se estuda e entre a realidade, ambientes formadores de jovens sem perspectivas de si mesmos, que não questionam nada, apenas reproduzem o que lhes é passado. Por isso, ao falar de Ecologia, Cultura e Arte neste trabalho, procurei dar maior enfoque sobre como interpretações, condicionamentos mentais e culturais criam realidades completamente deturpadas do próprio ser, e uma breve sugestão de como podemos nos reaproximar de nossa natureza mais genuína, num fazer Ecológico, Cultural e Artístico diário.

Já que somos todos ignorantes brincando no jardim de infância da vida, peço que faça os comentários, sugestões, modificações, etcs, quaisquer que sejam, com a maior sinceridade possível, pois sei

que este trabalho está muito longe de ser "perfeito", "ideal" ou qualquer coisa parecida com isto. Sei que irá captar parte das sensações que experimentei durante estes anos de universidade, e imagino que irá se sentir contemplado com muitas delas. Espero que as palavras presentes possam trazer-lhe mais amor, inspiração e alegrias para seu dia.

Dividi este TCC em basicamente duas partes: o trabalho (que já parte de alguns "anexos") e os anexos propriamente ditos. O trabalho em si se encontra em anexos, acho que assim melhor representa o que vivi e conclui no, e do, curso de Ecologia, já que a maior parte do conteúdo que "aprendi" dentro da sala de aula é ínfimo se comparado a todos os aprendizados ecológicos e artísticos em anexo nestes anos. Sobre os anexos, ainda tenho um longo trabalho pela frente, pois há bastante coisa para compilar, só que estes textos e poesias estão em Tatuí em casa, e estou agora no RJ visitando a família, então até a data de entrega das 3 vias, ou melhor, da versão final do TCC, ainda serão adicionados mais anexos, incluindo um CD de música.

Imagino que talvez seja importante para os imortais acadêmicos da banca examinadora, aumentar o número de referências bibliográficas, mas se não tiver problemas neste aspecto, gostaria de deixá-las do jeito que estão, poucas mesmo.

Fico no aguardo de seu retorno.

Grande abraço do seu amigo,

...

Tarefa

Nós apresentamos o nosso trabalho de conclusão de curso na forma do cumprimento de uma tarefa, já envolvida por uma diversidade de imagens aliadas a uma exigência. A lapidação da palavra, em meio a paisagens de sentidos, exigiu uma escolha política e teórica. Neste lugar de escolha nós apoiamos o nosso modo de pensar e de escrever os resultados de nossos possíveis percursos de estudo. As palavras de um poeta, marcado por muito sofrimento em um contexto político feito de extrema repressão, foram suficientes para nos emprestar uma expressão de síntese. Trouxemos para o nosso texto a poesia de Geir Campos.

O nosso trabalho de conclusão de curso foi uma tarefa realizada em um campo de luta. O cruzamento entre as linhas da estética e da política pode ser melhor expresso nas palavras do poeta. Toda a nossa tarefa foi realizada como uma luta política assumida na forma do impedimento da obstrução de nascentes do devir, tal como Sueli Rolnik nos ajudou a compreender.

TAREFA

Geir Campos

*Morder o fruto amargo e não cuspir
 Mas avisar aos outros quanto é amargo,
 Cumprir o trato injusto e não falhar
 Mas avisar aos outros quanto é injusto,
 Sofrer o esquema falso e não ceder
 Mas avisar aos outros quanto é falso;
 Dizer também que são coisas mutáveis...
 E quando em muitos a noção pulsar
 - do amargo e injusto e falso por mudar -
 então confiar à gente exausta o plano
 de um mundo novo e muito mais humano.*

Nós mordemos o fruto amargo, nós cumprimos o trato injusto e sofremos o esquema falso. Não fugimos da raia da vida quanto assumimos o compromisso de completar a nossa escolha, no passo dado a mais. Nós avisamos a todos em nosso entorno o quanto sofremos com esta experiência. E nosso aviso confirmou a nossa recusa de submissão, expôs o quanto resistimos. E ao final, nos apresentamos por inteiro, já revigorados em nosso exercício de rebeldia, e, formas de sustentar o modo de ser jovem enquanto nos relacionamos com a ciência. Em nós, há tempo, já pulsa uma teimosia traduzida em práticas, as mínimas, já inseridas em nosso cotidiano, como práticas de validação e selo de coerência. O nosso pensamento está validado pela reinvenção do rigor em nossas práticas situadas no cotidiano de desolação.

Outro rigor no modo de fazer ciência

Em nossas leituras de textos da Suely Rolnik nós encontramos outro conceito de rigor suficientemente forte para nos apoiar em nossa busca de outro modo de fazer ciência. Esta autora nos fala de um rigor expresso em três dimensões, articuladas e implicadas com quem se dispõe ao trabalho da produção do conceito: é o rigor ético/estético/político.

“O rigor aqui é mais da ordem de uma posição ontológica do que metodológica, intelectual ou erudita: é um rigor ético/estético/político. Ético porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo de saber): ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas. Estético porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte. Político porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir.”³

Este rigor se afirma quando conseguirmos sustentar uma fidelidade as marcas que se fazem em nosso corpo todas as vezes em que somos estrangulados pela vida, e a partir de uma situação de sofrimento, somos forçados as nos reinventar em novas configurações existenciais. Por meio deste outro modo de conceber foi possível articular a arte com a ciência, o esforço de criação com o trabalho do pensamento. E entendemos melhor as palavras de Gilles Deleuze:

³ ROLNIK, S. “**Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético / estético / política no trabalho acadêmico**”. In Cadernos de subjetividade. São Paulo. V. 1 e 2. Set. fev. 1993. Páginas 241 -251.

“A criação se faz em gargalos de estrangulamento. (...) Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível”.⁴

Este nosso texto expõe esta nossa experiência quando fomos agarrados por um conjunto de impossibilidades. Nós trouxemos as marcas de nossos esforços de criação em uma mistura de mosaicos de linguagens com as interpretações de um cartógrafo. Lá nos territórios de nosso curso de graduação nós recolhemos múltiplas paisagens feitas pelo movimento dos sentidos, em modos de compreender o que em nós era teimosia e tentativas de defesa de nossa saúde. Foi na recusa do adoecimento que nós abrimos os horizontes do nosso pensamento.

Outro rigor científico demanda outra forma de fazer a universidade

Nós começamos a pensar em outras formas de organização e de funcionamento da universidade a partir das leituras de alguns textos de Michel de Certeau. Na época em que o autor escreveu algumas análises ele discutia o conflito de uma universidade que se via desafiada diante do crescimento da cultura de massa. Ele se referia a um contexto específico da universidade francesa. Porém, começamos a observar que com as reformas educacionais em curso no planeta, nos faz sentir como estando no mesmo barco. As suas críticas nos oferecem aspectos favoráveis na interpretação de nossa experiência também. Vamos explorar alguns aspectos indicados pelo autor.

“Com outros termos, as dezenas de milhares de estudantes partilham hoje desse sentimento. Submetidos a grades intelectuais que não lhes parecem organizadas nem em função de suas questões, nem em função do seu futuro, não percebem mais, no ensino que lhe é ‘dado’, seu valor de instrumentalidade cultural e social. Muitas vezes resta-lhe apenas um muro a transpor, um obstáculo a superar, uma condição imposta, para chegar as profissões que se encontram do outro lado. Sob esse ponto de vista, a universidade faz o papel de polícia, seja criada por ‘bombas, ao

⁴ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992. Pág.: 167.

mesmo tempo que por predestinados. Ela cede a pressão de todas as ambições – das mais elevadas as mais utilitárias – e, por não estar adaptada a essas finalidades, contenta-se em escolher os critérios que lhes são próprios. Quanto menos operacional com relação a expectativas socioculturais, mais ela se torna discriminatória, transformando em gargalo a passagem entre o presente e o futuro dos jovens. Na medida em que ela se revela incapaz de constituir um laboratório que produz uma cultura de massa ao proporcionar métodos a questões e a necessidades, transforma-se em filtro que opõe uma ‘disciplina’ as pressões.”⁵

Esta análise nos ajudou a compreender amplamente o contexto social, nestas relações com o movimento de reforma do ensino que vem ocorrendo em âmbito mundial. A universidade vem sendo capturada por dispositivos de poder, próprios desta conjuntura social. E nós sentimos os seus efeitos em nossa pele.

“É, portanto, particularmente urgente tudo que possa devolver a universidade seu papel propriamente intelectual – um papel que, paradoxalmente, ela deixa escapar, ao qual ela até mesmo renuncia, quando se recusa a colocá-lo sob sua forma atual, isto é, em termos de massa, e quando ela não leva a sério, com seu recrutamento real, a nova tarefa que lhe está, assim, destinada na nação.”⁶

Os conflitos e as dores sentidas por nós neste percurso entram em ressonância com esta necessidade da instituição recuperar o seu papel intelectual, mesmo que tenha que viver internamente um conflito com a cultura de massas.

“O docente engana-se, portanto, quando coloca a coragem intelectual na urgência de manter um discurso próprio. Corre o risco, com isso, de não

⁵ CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995. Págs.: 104 – 105.

⁶ CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995. Pág.: 105.

se fazer ouvir e de fracassar igualmente na sua principal tarefa, ao mesmo tempo pedagógica e científica. Não se faz ouvir porque, crendo falar em nome de um saber 'superior' (por suas origens e suas referências), entra, na realidade, em um sistema acumulativo onde sua afirmação não pode ter o sentido que ele lhe dá. Por conseguinte, se o escutam (mas não o 'ouvem'), é porque ele é inevitável e necessário, como guardião da porta do exame e de tudo que se acha atrás dela. Mas, coagidos a se submeterem às suas condições, seus ouvintes sabem também da inutilidade de uma discussão com ele. Em muitas universidades, constata-se, com efeito, que os estudantes parecem desistir de falar. Seu silêncio espalha-se. Para que falar, se não nos ouvimos mais? E, por conseguinte, o que resta, nas unidades de ensino, senão a resignação desgostosa ou a violência cujas formas e justificativas a maioria dos estudantes desaprova, mas reconhece a que se devem?"⁷

Nós não nos deixamos ficar neste lugar de um silêncio imposto pelas dificuldades diante de um modo de fazer ciência com o rigor do compromisso com a vida. O nosso desejo de articular a ciência com a arte nos impulsionou a acreditar em um exercício de pensamento, em uma prática de leitura e de escrita, que se orientassem pela perspectiva estética.

Após compreendermos um pouco melhor as análises realizadas por Michel de Certeau nós nos voltamos para a leitura um texto redigido por um artista no calor de sua indignação. Sob a modalidade de um conjunto de cartas, uma delas, em sua época, se dirige a um Reitor por ele imaginado. Nós estamos nos referindo ao texto "Carta Aberta... aos Poderes. Manifesto surrealista em defesa da libertação do espírito". Nós reproduzimos aqui apenas a carta dirigida aos Reitores das Universidades Europeias.

Antonin Artaud, em sua sensibilidade de artista, nos faz pensar em uma vitalidade do espírito a ser recuperada com a liberdade do pensamento. A força de sua denúncia mostra-nos uma juventude sendo definhada nas armadilhas dos diplomas, no desperdício de um tempo irrecuperável. Em muitos momentos nós nos

⁷ CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995. págs.: 113-114

agarramos aos mínimos sinais que rompiam com as amarras da ciência, das avaliações, das obrigações de saberes de fachada, para não entrarmos nesta vida definhada, na dispersão das nossas energias. Ao longo dos anos de graduação foi necessário muito esforço para não nos perdermos nos labirintos de currículos cheios de artifícios. Nós lemos esta carta do artista e confirmamos em nós uma condição de fazer arte, sem nos deixar confundir pela ciência, e ao mesmo tempo, de fazer a ciência, sem abrir mão do movimento intenso de um pensamento. Já compreendemos, ainda que seja de um modo mínimo, a matéria de uma responsabilidade, em nossa condição de juventude. Nós pretendemos desenvolver em nós a habilidade de fazer a arte naquilo que própria em sua forma de responder ao mundo, e fazer a ciência, no compromisso com a emancipação da vida daqueles que estão em nosso entorno.

As palavras de Artaud gritam, voltamos a escutar...

“Senhor Reitor:

Na estreita cisterna que chamais ‘Pensamento’ os raios do espírito apodrecem como fardos de palha.

Basta de jogos de palavras, de artifícios de sintaxe, de malabarismos formais; há que encontrar – agora – a grande Lei do coração, a Lei que não seja uma Lei, uma prisão, senão um guia para o espírito perdido no seu próprio labirinto.

Mas para além daquilo que a ciência jamais poderá alcançar, ali onde os raios da razão se quebram contra as

nudens, esse labirinto existe, núcleo para o qual convergem todas as forças do ser, as últimas nervuras do Espírito.

Nesse dédalo de muralhas moveáveis e sempre transladadas, fora de todas as formas conhecidas de pensamento, o nosso Espírito agita-se, espiando os seus mais secretos e espontâneos movimentos, esses que têm um carácter de revelação, esse ar próprio daquilo que vem de outras partes, daquilo que cai do céu.

Porém a raça dos profetas está extinta. A Europa cristaliza-se, mumifica-se lentamente dentro das amarras das suas fronteiras, das suas fábricas, dos seus tribunais, das suas Universidades.

O Espírito 'gelado' range entre as placas minerais que o oprimem.

E a culpa é dos vossos sistemas embolorecidos, da vossa lógica de dois e dois são quatro; a culpa é vossa, Reitores, apanhados na rede dos silogismos. Fabricais engenheiros, magistrados, médicos a quem escapam os verdadeiros mistérios

do corpo, as leis cósmicas do ser; falsos sábios, cegos face ao além, filósofos que pretendem reconstruir o Espírito.

O menor ato de criação espontânea constitui um mundo mais complexo e mais revelador que qualquer sistema metafísico.

Deixai-nos, pois, Senhores; sois tão somente usurpadores.

Com que direito pretendeis canalizar a inteligência e dar diplomas de Espírito?

Nada sabeis do Espírito, ignorais as suas mais ocultas e essenciais ramificações, essas pegadas fósseis, tão próximas das nossas próprias origens, esses rastros que às vezes logramos localizar nos jazigos mais escuros de nosso cérebro.

Em nome de vossa própria lógica, vos dizemos: a vida fede, senhores.

Contemplai por um instante os vossos rostos, e considerais os vossos produtos.

Através das peneiras dos vossos diplomas, passa uma juventude definhada, perdida. Sois a praga de um mundo,

*Senhores, e boa sorte para esse mundo, mas que pelo menos não se acredite na cabeça da humanidade.”*⁸

Sem os profetas e sem as múmias, terminamos ainda acreditando em um concerto de humanização em outro exercício de ciência, em outra experiência de pensamento. Assim, sustentamos com o artista em nós o grito pela liberdade!

⁸ ARTAUD, Antonin. **Carta Aberta... aos Poderes. Manifesto surrealista em defesa da libertação do espírito**. Tradução: Lagerbooks. Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2009. Págs.: 37 – 41.